

text and its Ottoman context. Chapter three (“Immigrants in the Land of Their Birth: The Sephard Community in Jerusalem. The Test Case of the Meyuhas Family”, pp. 116-204) will undoubtedly be, for many, one of the focal points of interest of the text as it provides readers with an intimate portrait of Sephardi life in Jerusalem based on the Meyuhas family. “Beautiful Damsels and Men of Valor: Ladino Literature Giving Us a Peek into the Spiritual World of Sephardi Women in Jerusalem (Nineteenth and Twentieth Centuries)” (pp. 207-247) follows in the same vein as the previous chapter, blending social history, literature and anthropology to provide an image of the day to day life of Sephardi women. “The Spanish Senator Dr. Ángel Pulido Fernández and the «Spaniards Without a Homeland», Speakers of Jewish Spanish” (pp. 248-287) raises the problem of the Spanish perception of the Sephardim when they were “rediscovered” by the Spanish public through the early twentieth-century diplomat Ángel Pulido Fernández and the relation between the self-representation of the Sephardim and the decidedly Romantic image of them produced by the diplomat and others. Chapter six (“The Lost Identity of the Sephardim in the Land of Israel and the State of Israel”, pp. 289-331) considers the paradoxes of Zionism and the creation of Israel which led to the relinquishing of Sephardic identity due to the insistence on the Hebrew language and the creation of a new Israeli ethos. The final chapter (“Epilogue: History in the Eyes of the Beholder”, pp. 332-339), just as it announces, deals with

how the story of the Sephardim and their legacy can be transmitted and told.

Meyuhas Ginio has offered readers an important book which is the culmination of many years of scholarship and personal reflection. Grounded in memory, both personal and collective, the book is at once a portrait of a lost world and a rallying cry for the future. In her very thorough introduction (“Who is a Sephardi?”, pp. 1-36), she situates Sephardic identity as rooted in the preservation of the language their forefathers spoke in Iberia: “As I see it, Sephardim, are those who speak, or at least their forefathers spoke, until the mid-twentieth century, the Jewish Spanish language [...]” (p. 18). For the author, especially as a member of the community she is writing about, identity is intimately related to language which makes the defense and promotion of it such an important means of preserving the Sephardi legacy.

JAMES NELSON NOVOA
University of Ottawa

Daniel Jütte, *The Age of Secrecy. Jews, Christians, and the Economy of Secrets, 1400-1800*, New Haven, Yale University Press, 2015. 432 pp.. ISBN: 978-0-300-19098-4.

Tradução inglesa do original alemão *Das Zeitalter des Geheimnisses: Juden, Christen und die Ökonomie des Geheimen (1400-1800)* (Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2012), esta obra de Daniel Jütte, actualmente professor associado da New York University, surge editada pela

Yale University Press depois já ter sido alvo de vários de prémios. A tese de doutoramento que está na sua origem foi galardoada em 2011 pela Konrad Adenauer Foundation e pela European Society for the Study of Western Esotericism. A edição alemã recebeu o prémio da Gerhard Ott Foundation em 2013. É o reconhecimento de uma obra que tem o mérito de abordar a história intelectual da Idade Moderna europeia sob uma perspectiva inovadora: a da “economia dos segredos” (*economy of secrets*).

Logo nas páginas iniciais, o autor esclarece este conceito, o qual norteia toda a obra. A “economia dos segredos” engloba todas as actividades que envolvem o comércio, a oferta, a negociação, o fornecimento, a troca e a compra de segredos, referindo-se, ainda mais amplamente, à justaposição entre estas actividades e a esfera mercantil durante a Idade Moderna (p. 2). O segredo é aqui visto como uma mercadoria, a qual Jütte se propõe abordar não na sua essência, mas sim no valor que adquire e representa. Como refere no prefácio a esta edição, a História do Segredo é uma narrativa ainda por escrever, uma lacuna que o autor, com esta obra, não ambiciona colmatar, mas apenas oferecer um contexto e disponibilizar as ferramentas metodológicas e conceptuais necessárias à sua concretização.

A sua perspectiva sobre a “economia dos segredos” vincula-se essencialmente com o universo judaico: “[...] this book attempts to proceed from Jewish history to a general praxeology of secrecy in the premodern era.” (p. 8). As circunstâncias que marcam a história dos judeus na Europa Ocidental

durante a Idade Moderna – a perseguição religiosa, a ritualidade oculta, a exclusão social – constituem um terreno fértil para o segredo se enraizar no seu quotidiano, ao que acresce o vínculo aos ofícios artesanais e mercantis e à dinâmica do patrocínio, o universo da “economia dos segredos”. A cabala e a associação de uma dimensão hermética à língua hebraica contribuem igualmente para a construção da imagem do Judeu enquanto alguém com acesso natural ao segredo.

Depois de um primeiro capítulo introdutório, onde estes conceitos operatórios são esclarecidos e a bibliografia revista, segue-se a aproximação a alguns exemplos de ofícios, ciências e actividades que recorrem, ou até se alicerçam, no uso e gestão do segredo: a alquimia, a medicina, a criptografia, a espionagem, a tecnologia (sobretudo militar) e o comércio de *mirabilia* (o autor foca, em particular, o caso do corno de unicórnio). Estes campos onde a “economia do segredo” impera e os judeus se destacam como “mestres do arcano” potenciam a sua interacção com os poderes instituídos. Jütte acaba por enfatizar duas actividades onde o papel do Judeu na “economia dos segredos” revela uma especial expressão, conferindo-lhes dois capítulos autónomos: a magia (capítulo 3: “Zones of Interaction: The Case of Magic”) e o comércio (capítulo 4: “Trading in Secrets and Economic Life”).

Mas o cerne de *The Age of Secrecy* encontra-se no quinto capítulo, o qual ocupa bem mais de um terço da extensão total da obra. Este capítulo apresenta um estudo biográfico sobre Abramo Colorni (ca. 1544-1599),

personagem praticamente esquecida pela historiografia, embora controversa entre aqueles (poucos) que lhe dedicaram alguma atenção. Engenheiro militar, matemático, quiromante, alquimista, fabricante de armas, criptólogo, mágico, comerciante de mercadorias de luxo, Jütte sintetiza esta amálgama de actividades desenvolvidas por Colorni numa única expressão: *professore de' secreti*. O capítulo começa com uma bem documentada abordagem biográfica de Colorni que o acompanha desde os primeiros anos em Mântua, passando pela progressiva conquista de reputação no seio várias cortes europeias, até à última fase da vida ao serviço do Duque Frederico de Württemberg e a posterior fuga rumo à sua cidade natal, onde viria a falecer. Este percurso é, depois, analisado pelo autor no quadro da “economia dos segredos”, primeiro enquanto exemplo do nível de reconhecimento que um judeu com a “mestria do arcano” poderia alcançar junto dos meios cristãos, ao mesmo tempo que encontrava a legitimação na própria tradição judaica; em segundo lugar, encarando Colorni como uma personagem que deu lugar a abordagens historiográficas muito díspares e cujas perspectivas variam entre o “charlatão” e o “Da Vinci judeu”. Jütte dispensa ambas categorizações: “In my opinion, Colorni was neither genius nor charlatan nor Jewish Leonardo. He envisioned himself first and foremost in the role of an early modern *professore de' secreti*, which he associated with a specific (Solomonic) ethos.” (p. 219).

O fascínio pelo segredo e o mistério constitui um elemento essencial para a compreensão da história intelectual da

Europa durante a Idade Moderna. Essa “Idade do Segredo” contrasta com os princípios da Revolução Científica e da progressiva desvalorização do conhecimento secreto face à ciência aberta e acessível a todos. A quase ausência de intelectuais judeus entre os precursores da nova ciência dever-se-ia a esse confronto. No último capítulo da obra (“The Culture and Crisis of Secrecy”), Jütte questiona esta ideia, numa tentativa de desconstruir algumas das narrativas historiográficas tradicionais.

O autor começa por problematizar o debate sobre o “contributo” judaico para a Revolução Científica, o qual tem vindo a ser construído, sobretudo, em torno da relação entre religião e ciência, sob o espectro da dicotomia rejeição/participação. Segundo Jütte, esta grelha interpretativa espartilha a questão. Conceber a nova ciência enquanto o único factor que condicionou a progressiva erosão dos alicerces da “economia dos segredos”, ou mesmo apartar a Revolução Científica do contacto com as ciências ocultas, quando estas também atraíram o interesse de precursores do movimento, como Isaac Newton ou Francis Bacon, são pontos de vista que limitam muito o problema. Assim, o autor propõe que o ênfase não seja colocado na reacção judaica aos desafios colocados pela nova ciência e que se alargue a gama das entidades de recepção, produção e divulgação de ciência além das instituições tradicionais, nomeadamente as universidades e as academias e sociedades científicas, enquadrando aqui também os laboratórios alquímicos, as oficinas, as bibliotecas privadas ou mesmo os espaços de sociabilidade. Só desta forma é possível identificar o lugar

do segredo na Revolução Científica e, por sua vez, também a participação judaica no movimento. Esse lugar é particularmente visível na permanência de uma cultura da curiosidade e do gosto pelo exótico, cujas necessidades eram providas por uma actividade comercial especialmente ao cargo de mercadores judeus. O autor exemplifica a permanência deste interesse pelo segredo com três casos de “mestres do arcano” judeus que, em pleno Iluminismo, conquistam amplo reconhecimento: o “filósofo sobrenatural” Jakob Philadelphia (ca. 1734-1797), o cabalista Samuel Jacob Hayyim Falk (ca. 1708-1782) e o médico Gumbel Levison (1741-1797). “The lives of Philadelphia, Falk, and their numerous Jewish epignones in the eighteenth century, underscore how the premodern economy of secrets was just as attractive, especially to society’s outsiders, as a system that propagated open knowledge.” (249).

Continuando a questionar a validade da dicotomia rejeição/aceitação, Jütte encerra o livro interpretando a “crise do segredo” após 1800 como uma crise de valor. A “economia do segredo” passa a ser desvalorizada não só no universo da ciência, como nas várias áreas da vida pública. O segredo ganha uma conotação negativa e é nessa desvalorização que reside o motivo para a entrada massiva de judeus em ocupações científicas no século XIX, onde a ciência aberta era a pedra angular. Isto é, tal não é causa directa de uma mudança nos mecanismos de exclusão e aceitação: “We cannot explain Jews’ turn away from the economy of secrets simply by deferring to factors like the “triumphal

march” of open scientific institutions, the elimination of social hurdles, or the intrinsic persuasiveness of a paradigm shift in science. Rather, this phenomenon was to significant extent also due to the general shift in attitudes toward open and secret knowledge that began on a massive scale in the nineteenth century” (p. 255). Esse declínio de valor continua no século XX e prossegue até à contemporaneidade, com o constante apelo ao acesso aberto à informação e a erosão da fronteira entre o público e o privado. É em diálogo com o presente que Jütte conclui a obra, o qual já havia sido introduzido no prefácio a esta edição.

O objectivo inicialmente traçado de contribuir para a construção dos alicerces de uma futura História do Segredo, oferecendo um campo conceptual e questionando perspectivas historiográficas vigentes, sem esgotar a questão, parece-nos cumprido após a leitura de *The Age of Secrecy*. Na realidade, a obra deixa ao leitor a sensação de que muito mais poderia ser dito sobre a “economia dos segredos”, explorando áreas apenas levemente afloradas pelo autor. E aqui Jütte cumpre o propósito de levantar mais questões do que aquelas para as quais oferece resposta (“this book will have achieved its goal if it has raised more questions than provided answers” (p. 259)). Em suma, de inspirar estudos futuros.

CARLA VIEIRA

Cátedra de Estudos Sefarditas

«Alberto Benveniste»

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores